

AMORIM JUNIOR, Elias Feitosa de\*

<https://orcid.org/0000-0002-5803-2852>

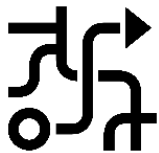
**RESUMO:** Este artigo propõe um percurso didático-pedagógico que se orienta pela análise da iconografia presente no vitral da *Paixão Tipológica de Jesus*, datado do século XIII e integrante da catedral de Notre-Dame de Chartres na França. O objetivo é explorar um conjunto de imagens medievais enquanto fontes históricas para a condução de uma ação investigativa dos discentes da Educação Básica no Ensino Médio sob orientação dos docentes no intuito de desenvolverem a análise crítica do antissemitismo presente no cristianismo medieval e a partir disso, elaborar algumas hipóteses sobre como a cultura visual medieval trazia no seu interior diversas referências que tinham o intuito de silenciar e apagar a identidade e religião judaicas. Destaca-se a construção de uma reflexão que parta do conceito de “lugar de imagens”, uma vez que a complexidade do conjunto imagético dos vitrais envolve uma relação entre todo e parte, imagem e espaço; permitindo levantar hipóteses sobre a visualidade e sua relação com o sagrado, considerando-se as funções de uso do templo e o peso da ritualidade no processo de elaboração da devoção, seja pelo clero, seja pelos fiéis. A escolha dessa metodologia está voltada para uma visão de conjunto sobre as imagens e sua localização no lugar sagrado, compondo uma trama de pensamentos e conceitos que leve em consideração a forma plástica, as práticas de culto e a reflexão teórica que assegura a sua legitimidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Visual; Antissemitismo; Notre-Dame de Chartres.

**ABSTRACT:** This article proposes a didactic-pedagogical journey guided by the analysis of the iconography present in the stained glass of the *Typological Passion of Jesus*, dating from the thirteen century and part of the Chartres cathedral in France. The objective is to explore a set of medieval images as historical sources for conducting an investigative action by Basic Education students in High School under the guidance of teachers in order to develop a critical analysis of the antisemitism present in Medieval Christianity and from that, elaborate some hypotheses about how the medieval visual culture had in its interior several references that had the intention of silencing and erasing the Jewish identity and religion. The construction of a reflection based on the concept of “place of images” stands out, since the complexity of the stained-glass image set involves a relationship between whole and part, image and space; allowing to raise hypotheses about visuality and its relationship with the sacred, considering the functions of using the temple and the weight of rituality in the process of elaboration of devotion, whether by the clergy or by the worshippers. The choice of this methodology is aimed at an overall view of the images and their location in the sacred place, composing a web of thoughts and concepts that considers the plastic form, the practices of worship and the theoretical reflection that ensures their legitimacy

**KEYWORDS:** Visual Culture; Antisemitism; Chartres cathedral.

\* Doutorando em História da Arte pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne).



## INTRODUÇÃO

A proposição deste artigo é apresentar uma reflexão sobre a cultura visual no medievo, a qual possa servir de roteiro na organização de um plano de aula na área das Ciências Humanas na Educação Básica, valendo-se da exploração da iconografia, da teologia e por sua vez, das ferramentas teórico-metodológicas que permitam a elaboração de uma análise crítica por parte dos discentes com a respectiva orientação de seus docentes.

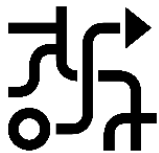
De acordo com a premissa presente na BNCC, é esperado que a formação escolar permita o desenvolvimento da atitude investigativa (BRASIL, 2018, p. 401), a qual deve ser semelhante àquela desenvolvida na pesquisa acadêmica: a análise das fontes, sua problematização, o cruzamento de informações presentes na bibliografia relacionada ao objeto estudado e a partir disso, a elaboração de hipóteses que o permitam compreender melhor e assim, estabelecer possíveis respostas às questões levantadas no início da pesquisa.

Para desenvolver este percurso, a sugestão é explorar a temática da intolerância religiosa presente na sociedade medieval expressa claramente através dos mecanismos de controle impostos pela Igreja Católica Romana aos seus fiéis. E como estudo de caso, será abordada a relação com os judeus, que resultou na disseminação de um conjunto de preconceitos enraizados, difundidos e que se consolidaram em longa duração, através de diversas práticas de segregação, perseguição e violência, foram categorizados desde o século XIX como antissemitismo. (ARENDDT, 2006).

No século XIII, a aversão pelos judeus era generalizada por serem culpados pela morte de Jesus. Tal como os seus antecessores, Luís IX tomou medidas discriminatórias e persecutórias contra esta minoria, também com a intenção de a converter ao cristianismo.

Em 1242, supostamente sob solicitação de judeus convertidos ao cristianismo, e que afirmavam que o Talmud continha invectivas contra Cristo e a Virgem Maria, ordenou a queima dos exemplares deste livro blasfemo em Paris.

No ano de 1254, ordenou a expulsão dos judeus não convertidos da França, apropriando-se dos seus bens. No entanto, não teria ocorrido um controle muito eficaz para fazer cumprir esta medida, pelo que muitos permaneceram nos locais em que viviam.



Alguns anos depois, o rei anulava este decreto em troca de um pagamento, em prata, da comunidade judaica ao tesouro real.

Já em 1269, em aplicação de uma recomendação do Quarto Concílio de Latrão de 1215, Luís IX impôs a obrigatoriedade de usarem sinais distintivos das vestimentas. Para os homens a estrela amarela ao peito, e para as mulheres um chapéu especial. Estes sinais permitiam diferenciá-los do resto da população e ajudar a impedir os casamentos mistos.

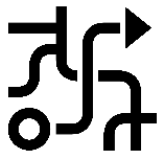
A catedral, enquanto sede da diocese, é uma das sínteses dessa sociedade, apresentando a expressão da doutrina, tornando-se a zona de intersecção entre os fiéis, o clero, por sua vez, o lugar de culto no qual todos buscavam a experiência com o sagrado, numa contemplação e entendimento de que este último articulava a existência de todos os seres no mundo.

Nessa perspectiva, destaca-se a enunciação da categoria da ordem, que se faz presente na hierarquia (terrestre e celeste), que conduz o louvor (ortodoxia) e reprime o desvio (heresia) pode ser avaliada como uma articulação entre o microcosmos e o macrocosmos, envolvendo, portanto, teologia, pensamento político; e daí as imagens pela sua dinâmica própria, funcionam como linhas dessa complexa tessitura que a catedral constitui como um lugar de imagens.

## **A ICONOGRAFIA DOS VITRAIS ENQUANTO FONTE**

A análise das imagens, a partir dessa perspectiva, pode oferecer ao historiador algumas ferramentas para a elaboração de questões teórico-metodológicas que englobem a dimensão visual da sociedade estudada, fornecendo elementos que possam definir melhor os diferentes contextos, mesmo que a documentação não se resume exclusivamente a imagens, mas que outras fontes, em conjunto com séries de imagens, possam dar margem do chamado “campo visual”.

Os vitrais estão, pois, envolvidos com a função estrutural de iluminar o interior da catedral; mas, ao mesmo tempo, como são dotados de imagens, e estas também precisam da luz, para que se tornem visíveis e inteligíveis, o décor se apresenta como parte da estrutura.



Construir uma reflexão que parta do conceito de “lugar de imagens” torna-se estratégica, porque a complexidade do conjunto imagético dos vitrais envolve uma relação entre todo e parte, imagem e espaço; permitindo levantar hipóteses sobre a visualidade e sua relação com o sagrado, considerando-se as funções de uso do templo e o peso da ritualidade no processo de elaboração da devoção, seja pelo clero, seja pelos fiéis. (BASCHET, 2008).

Tal procedimento busca evitar uma situação bastante equivocada: interpretar a imagem deslocada de seu contexto original ou ainda, reduzi-la à condição de “ilustração” de um tema ao invés de ser fonte de informações que permitam problematizar um determinado momento histórico, especialmente, no contexto da aprendizagem na formação escolar.

A proposição da análise iconográfica do vitral dedicado à *Paixão Tipológica de Jesus* envolve a apresentação prática de como se manifestava o teocentrismo na sociedade medieval em suas minúcias, não somente como uma interpretação socialmente imposta, mas também como a expressão da religiosidade daquele contexto.

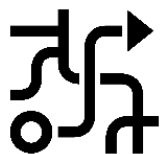
Na composição de um percurso didático para o Ensino Médio, a sugestão se orienta pelas habilidades presentes na BNCC, que se transformam nos objetivos da aula:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (BRASIL, 2018, p. 572).

A abordagem da habilidade (EM13CHS101) implica em identificar as características da sociedade feudal dentro do processo histórico de difusão e consolidação do cristianismo pela Igreja Católica Romana, a qual se apresenta e articula



como a controladora da doutrina cristã<sup>1</sup>, determinando aquilo que era a ortodoxia e, por sua vez, tudo que lhe escapasse ou questionasse, como heresia.

Trata-se de estabelecer o plano cultural mais geral do medievo para entender a organização administrativa da igreja, o espaço sagrado como um lugar de controle pela hierarquia e no caso da catedral, a sede do poder do bispo, como a síntese desta expressão.

A partir do estabelecimento deste panorama social e cultural do medievo, é possível analisar e discutir dentro da doutrina da igreja como ficou estabelecido o processo de interpretação eurocêntrico cristão a respeito dos judeus, elemento que está diretamente alinhado com a habilidade (EM13CHS102), uma vez que a eleição dos judeus como os “assassinos” de Jesus foi resultado de uma construção cultural dentro da sociedade cristã, uma tradição inventada dentro do contexto da teatralidade presente na elaboração das narrativas do Cânone. (HOBBSAWM, 2008).

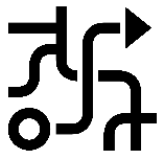
À luz da interpretação histórica, portanto, científica, é sabido que o camponês Jesus de Nazaré foi preso e sumariamente executado dentro do contexto de expressiva violência aplicada por Pôncio Pilatos no intuito de manter o controle sobre a conturbada província da Judeia, território ocupado pelos romanos desde 63 AEC.

Assim sendo, não houve contato de Jesus com Pilatos, muito menos, um julgamento ou ainda uma execução extraordinariamente detalhada. O destino de Jesus foi o da maioria dos crucificados:

O fim de Jesus teria sido rápido e despercebido por todos, salvo, talvez, por um punhado de discípulos que estavam chorando ao pé do morro, olhando para seu mestre aleijado e mutilado: a maioria dos homens se dispersara na noite ao primeiro sinal de problemas no Getsêmani. A morte de um criminoso de Estado pendurado em uma cruz no Gólgota era um evento tragicamente banal. Dezenas morreram com Jesus naquele dia, seus corpos quebrados e flácidos pendurados por dias para servir

---

<sup>1</sup> Até o Cisma do Oriente em 1054, enquanto instituição, a Igreja era uma só e a partir deste evento, dividiu-se em duas Instituições: a Igreja Católica Romana liderada pelo bispo de Roma (também denominado papa) e a Igreja Católica Ortodoxa, liderada pelo patriarca de Constantinopla. Entretanto, em ambas se encontravam diversas comunidades de costumes e tradições bastante variados e por sua vez, também ocorreram manifestações que questionaram a doutrina oficial e assim, foram rotuladas de heresias. (*haireisis* significa, em grego, escolha), implicava numa escolha distinta do dogma e daí o problema para aqueles que se atreveram em questionar a Santa Sé, sendo que está última não cedeu de modo algum em relação à quebra da autoridade, mais do que nunca, o objetivo era restabelecer o poder sobre os corpos e almas dos fiéis. Dentro do recorte deste artigo, o foco estará no movimento cátaro.



às aves de rapina que circulavam acima deles e aos cães que saíam na calada da noite para terminar o que os pássaros deixavam para trás. (ASLAN, 2013, p. 156).

A perspectiva teológica desenvolvida a partir do texto do Evangelho de Marcos, o qual fora escrito por volta do ano 50 DEC e por sua vez, tenha sido a fonte dos Evangelhos de Lucas e Mateus estabeleceu uma gama variada de eventos entre a prisão de Jesus e sua execução com um objetivo bastante claro: desenvolver a piedade, atrair novos fiéis e reforçar a fé daqueles que haviam se convertido.

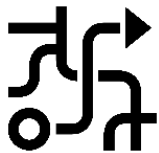
Esta narrativa, para ser dotada de coerência, desenvolveu uma interpretação binária na qual Jesus é colocado como a expressão do bem e aqueles que não o seguiram ou o questionaram, a representação do mal e neste último aspecto, se estabeleceu todo um vocabulário etnocêntrico e antissemita.

A apresentação da figura de “Judas como o traidor”, a “turba ensandecida gritando pela morte de Jesus” e a “isenção de Pilatos com o gesto da lavagem das mãos” são alguns exemplos da teatralidade necessária para dar substância à crença na mensagem de Jesus: o proselitismo de uma crença que se apresenta como verdadeira já aponta de antemão que tudo aquilo que for diferente é falso, ruim e digno de perseguição. (CHEVITARESE, 2008).

Dessa forma, é necessário apresentar este componente etnocêntrico presente no seio do cristianismo, o qual foi difundido pelas diferentes regiões do Império Romano e depois se consolidou e multiplicou na Europa medieval como algo uniforme, intrínseco à doutrina e os oponentes, fossem quem fossem, inimigos que deveriam ser combatidos, logo, estabeleceu-se uma controvérsia significativa entre a mensagem de amor difundida pelo camponês de Nazaré e a doutrina de uma instituição cada vez mais poderosa, defensora do personagem “divinizado”: Jesus Cristo morto e ressuscitado que ascendera aos céus e um dia retornaria para julgar os vivos e mortos no final dos tempos. (EHRMAN, 2014).

O percurso apontado até aqui fornece não só o contexto sociocultural e político para se realizar a avaliação crítica do cristianismo no medievo enquanto um fenômeno histórico, mas também possibilita através da análise da iconografia da *Paixão Tipológica*, o exercício de aplicação dos conceitos expostos para levantar algumas hipóteses em





relação à interpretação doutrinária tipológica no desenvolvimento da habilidade (EM13CHS103).

### **A PAIXÃO TIPOLOGICA: UM ESTUDO DE CASO**

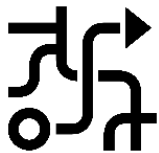
O vitral é formado por uma estrutura de chumbo, que define a segmentação do espaço interno da baia e compõe ao mesmo tempo, sua estrutura de sustentação. Em certos contextos, a trama dos caixilhos de chumbo colabora para a composição das imagens, que podem ser desenhadas e/ou pintadas segundo a técnica de grisalha sobre os pedaços de vidro branco ou colorido (óxidos de cobalto para os azuis, óxidos de ferro para o vermelho, óxido de cobre para o verde, óxidos de manganês para a púrpura e o enxofre para o amarelo que se encaixavam na malha de chumbo). A técnica de fabricação dos vitrais pode ser mais bem conhecida através do tratado do monge Teófilo, *Diversarum Artium Schedula*, escrito por volta do início do século XII.

Os vitrais estão, pois, envolvidos com a função estrutural de iluminar o interior da catedral; mas, ao mesmo tempo, como são dotados de imagens, e estas também precisam da luz, para que se tornem visíveis e inteligíveis, o décor se apresenta como parte da estrutura.

É imprescindível a construção de uma reflexão que parta do conceito de “lugar de imagens”, porque a complexidade do conjunto imagético dos vitrais envolve uma relação entre todo e parte, imagem e espaço; permitindo levantar hipóteses sobre a visualidade e sua relação com o sagrado, considerando-se as funções de uso do templo e o peso da ritualidade no processo de elaboração da devoção, seja pelo clero, seja pelos fiéis.

Entretanto, o conjunto imagético presente nos vitrais de Chartres não pode ser mais lido exclusivamente, assim como qualquer ciclo artístico-narrativo, como a “Bíblia dos pobres”, afinal, as janelas são dotadas de muitas cenas que, dependendo da altura e posição, são parcialmente visíveis ou invisíveis a olho nu, pensando-se numa situação convencional do indivíduo dentro da catedral.

É na visibilidade dessas imagens que ocorre a conexão entre o elemento plástico e a justificativa teórica que se consolida na teologia cristã; ao se pensar em duas questões: a posição da imagem no templo e a quem está destinada. Por mais controversa que seja a questão relacionada aos prováveis destinatários dos



vitrais e a miríade de significados para aqueles que as viram, pensando-se nas mensagens que portam, é um ponto nebuloso; todavia, há a identificação de um destinatário universal dentro da liturgia católica: Deus.

O templo é dedicado ao louvor divino e, por mais invisível que fosse a pintura, escultura ou vitral aos olhos humanos; na concepção cristã, estaria sob a Onividência divina, a partir do conceito medieval de *præsentia*, que se relaciona, por sua vez, à a ideia da *ornamentalidade*, a qual cumpriria tanto o papel de “honrar a Deus” quanto oferecer uma experiência estética e sensorial aos visitantes da catedral, onde este “belo” cumpre o processo de aproximação com o sagrado, no sentido de o materializar no interior do templo com cor, brilho e luminescência.

Uma vez compreendida a relação da imagem com o espaço sagrado, torna-se necessário entender o significado do conceito de tipologia bíblica, referência aplicada pela historiografia para classificar especificamente esta representação da crucificação de Jesus:

A tipologia bíblica é, via de regra, entendida como exegese. Trata-se de um princípio de interpretativo da Bíblia. O fato, no entanto, de ter sido amplamente utilizada, tendo extrapolado os limites da escrita sagrada e religiosa, e de ser hoje facilmente reconhecida por leitores especializados, não significa que esteja identificada, nos escritos bíblicos, por sua nomenclatura: *typos* ou *figura*. (MARCZYK, 2010, p. 07).

A interpretação tipológica se orienta pelas reflexões doutrinárias produzidas pelos Pais da Igreja, que no caso da diocese de Chartres podem ser pensadas num processo coletivo, resultante dos debates teológicos do capítulo de religiosos chartreses e daí, sua materialização nas diretrizes apresentadas para a execução do trabalho de fabricação do programa iconográfico pelos mestres vidreiros. (LAUTIER, 2003, p.10).

A metodologia a ser empregada durante a aula envolve a seleção de um conjunto de imagens que serão apresentadas e discutidas com os estudantes e nesse caso, a prioridade é partir do geral para o particular – isto é, a apresentação do Reino da França, a localização da cidade de Chartres, a apresentação da planta baixa da catedral, a localização da baía e por fim, a análise da iconografia presente no vitral:

- 1) Mapa do Reino da França no contexto do século XIII;
- 2) Foto da catedral de Chartres;
- 3) Planta baixa e a localização do vitral “Paixão Tipológica” baía (37);



- 4) Apresentação geral da baía (37);
- 5) Análise das cenas em separado;
- 6) Imagens de outras origens e suportes

### FRANCIA A LA MUERTE DE FELIPE II AUGUSTO (1223)



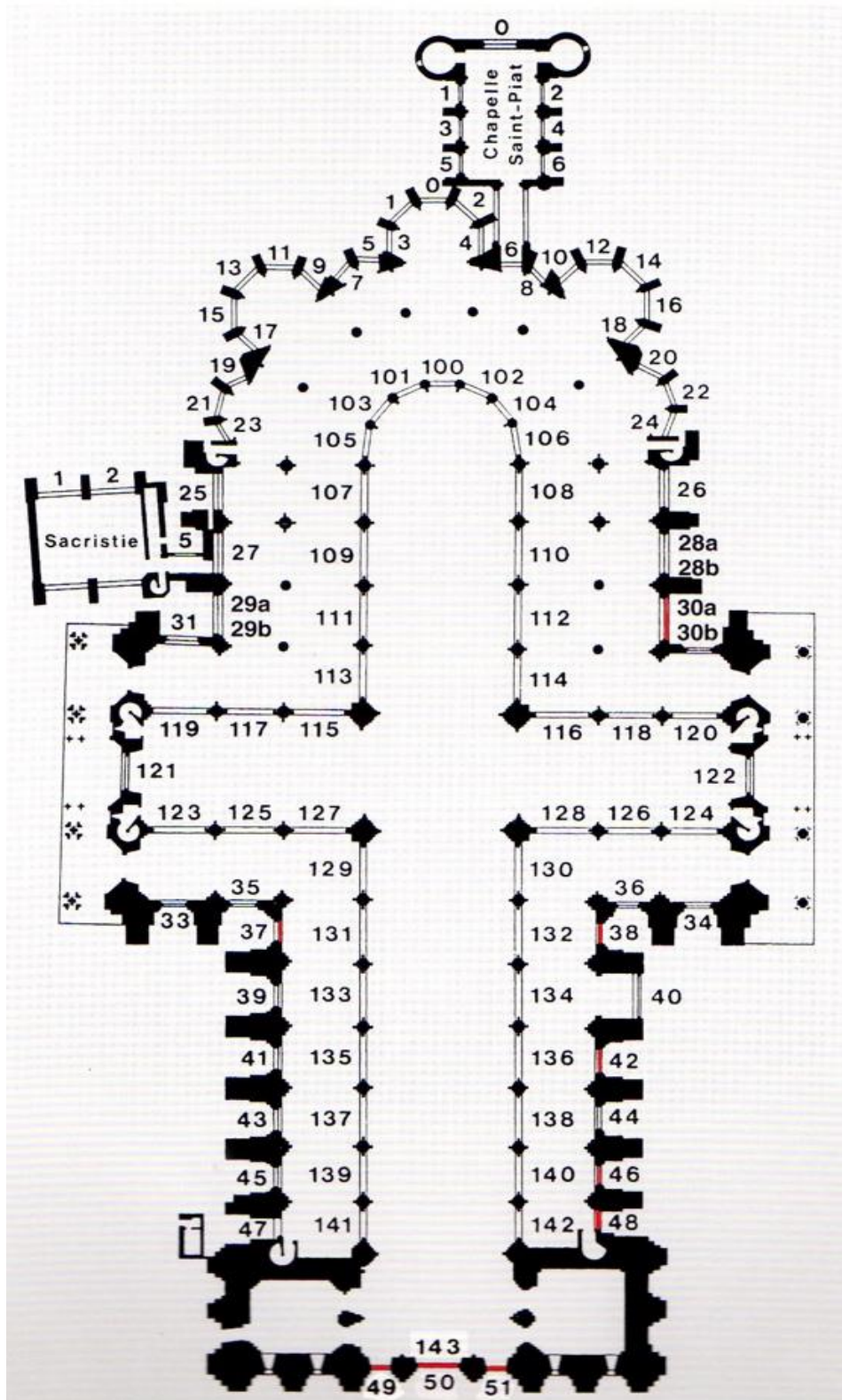
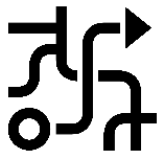
Imagem 1: Mapa da França no séc. XIII.

Fonte: DUBY, GEORGES. Atlas Histórico Mundial. Paris: Larousse, 2007, p. 120.



**Imagem 2:** Fachada ocidental da catedral de Notre-Dame de Chartres, c. 1194 (Crédito: Elias Feitosa)





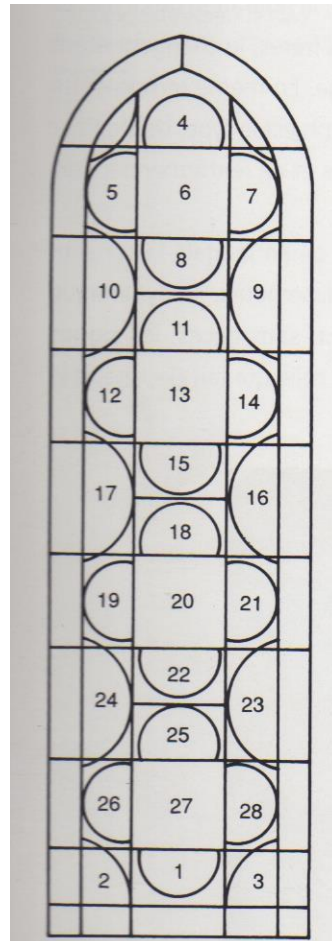


Imagem 4: Baia (37) *A Paixão Tipológica* – séc. XIII - (Crédito: Elias Feitosa)



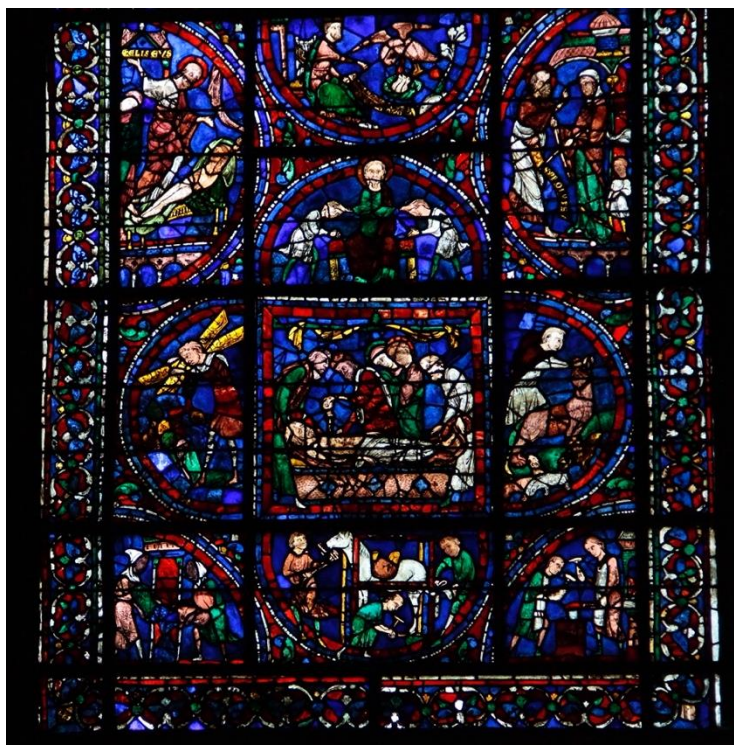


Imagem 5: Baia (37) *A Paixão Tipológica* – séc.. XIII – Parte Inferior - (Crédito: Elias Feitosa)

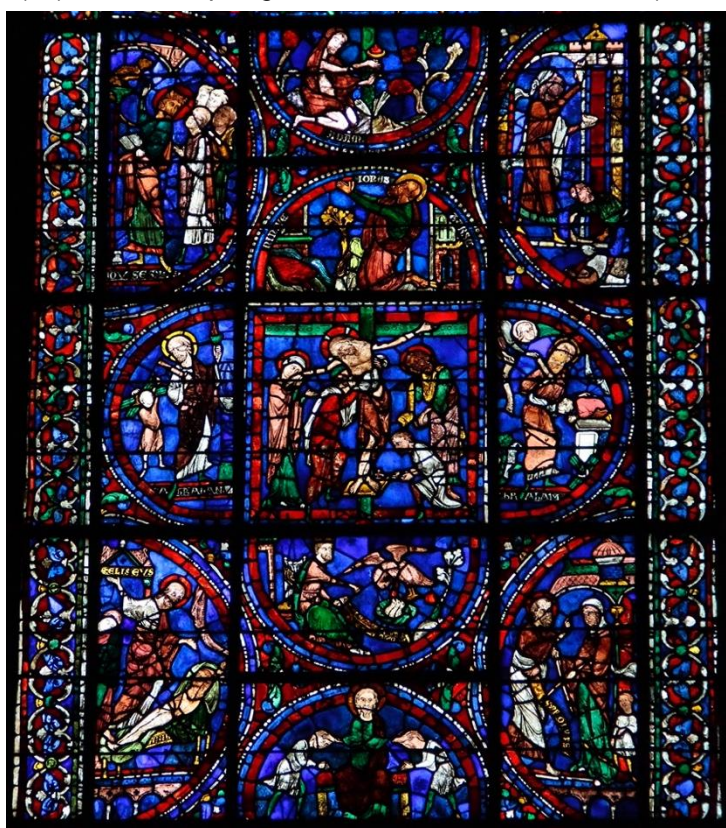
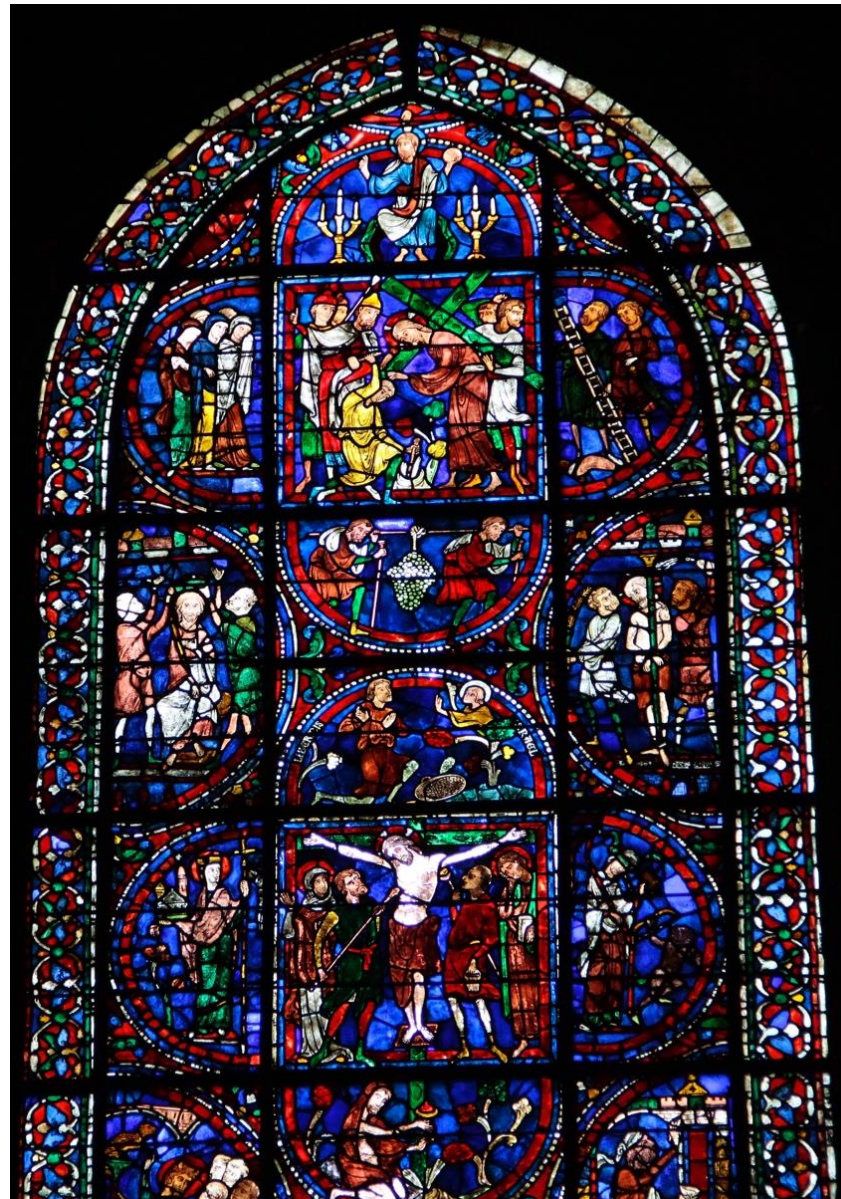


Imagem 6: Baia (37) *A Paixão Tipológica* – séc. XIII – Parte Central - (Crédito: Elias Feitosa)



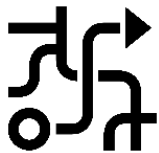


**Imagem 7:** Baia (37) - *A Paixão Tipológica* – séc. XIII – Parte Superior - (Crédito: Elias Feitosa)

A baia (37)<sup>2</sup> está localizada na nave lateral norte e foi fabricada no século XIII, como uma doação dos ferradores (cenas 1 a 3) à construção da catedral. Ao longo destes

<sup>2</sup> A numeração adotada para a identificação das baias segue as orientações definidas pelo *Comité International du Corpus Vitrearum*: as baias do primeiro nível (rés do chão) são numeradas de 0 a 99, as baias do segundo nível são numeradas de 100 a 199 e assim sucessivamente. As baias axiais são sempre numeradas, de acordo com o nível em que se encontram, com 0, 100, 200 etc. As baias situadas à direita da baia axial são pares (lado sul) e as situadas à esquerda são impares





oito séculos passou por duas grandes restaurações na metade superior do ápice da baia, em 1816 e 1876, sendo esta última realizada pelo Atelier Lorin, a partir de descrições realizadas por Alexander Pintard, no século XVIII. (DEREMBLE, 2003, p.42).

Quanto à disposição das cenas, esta baia foi organizada no sentido descendente, enquanto todas as outras na catedral seguem um sentido ascendente, sendo que a única referência em comum ao restante dos vitrais na catedral é a manutenção da representação dos doadores na base da baia.

O primeiro quadrilóbulo<sup>3</sup> foi um dos que receberam as intervenções modernas e encontra-se no ápice, apresentando a figura de Cristo em duas situações distintas: sentado como o Todo Poderoso entre dois candelabros e, logo em seguida, a reconstituição de seu suplício carregando a cruz sob o olhar da multidão (cenas 4 a 7): as mulheres cobertas com seus mantos e os homens trazem na cabeça o *pileus cornutus* ou *Judenhut*, insígnia distintiva imposta aos judeus desde o Concílio de Latrão em 1215 e que prevaleceu em uso no medievo posteriormente por vários séculos. (MANE, 1997).

Já na parte inferior desse conjunto, aparece uma cena do Velho Testamento, o “cacho de Canaã” (cena 8), referência à Terra Prometida ao Povo Escolhido numa alusão ao Livro de Números 13:23, quando Moisés envia Caleb e Josué para a região de Canaã e estes retornam com relatos fantásticos sobre uma terra tão fecunda, abundante em leite e mel, cujos frutos eram imensos e assim, seriam necessários dois homens para carregá-los.

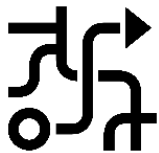
O episódio do “cacho de Canaã” – a uva atada à haste de madeira se conecta à interpretação tipológica com Jesus carregando sua cruz e a própria ideia de Eucaristia: da uva se produz o vinho e este é o sangue de Cristo transubstanciado, que por sua vez, foi derramado na cruz.

Imediatamente abaixo da cena 8, encontra-se a aparição do anjo a Gideão (cena 11) que na recepção e interpretação tipológica se conecta com a Anunciação de Jesus enquanto cumprimento da vinda do Messias.

---

(lado norte), permitindo assim, identificar a localização de uma baia sem necessariamente conhecer a planta do edifício.

<sup>3</sup> Estrutura composta de 4 lóbulos (partes semicirculares) dispostas ao redor de uma forma geométrica, sendo que na visão geral, parecem pétalas de uma flor e sua disposição está relacionada com a estrutura de ferro que sustenta o vitral.



Entre o primeiro e segundo quadrilóbulo, as cenas da Flagelação e Coroação de espinhos (cenas 9 e 10); o segundo quadrilóbulo apresenta ao centro a cena da Crucificação (cena 13).

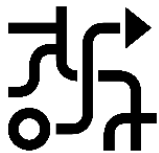
Nos dois semicírculos que o compõem estão a Igreja coroada e triunfante (cena 12) e a Sinagoga derrotada (cena 14). Um ponto de destaque do segundo quadrilóbulo é a imagem de Adão aos pés da Cruz (cena 15), colhendo o sangue de Cristo, sugerindo a ideia da Redenção da Humanidade, representada por Adão através do sacrifício do Cordeiro de Deus, o Cristo.

No terceiro quadrilóbulo, é representada a Deposição da Cruz (cenas 18 a 22), contando com a presença da Virgem Maria e de João. Ao lado desta última cena, duas imagens que trazem o Sacrifício de Isaac (cenas 19 e 21) e, logo abaixo da Deposição, a figura de Davi, numa alusão direta ao salmo que exalta o pelicano no deserto, o qual deu de seu próprio sangue para alimentar seus filhos, fazendo, portanto, uma conexão direta com a simbologia da representação do sacrifício de Jesus para com a Humanidade.

O último quadrilóbulo traz o Sepultamento de Cristo (cena 27), ladeado por quatro passagens do Antigo Testamento: Elias e a viúva de Sarepta (cenas 23 e 24) e dois episódios que envolvem Sansão - carregando as portas de Gaza em seus ombros (cena 26), qual a forma de uma cruz e a morte do leão pelas suas mãos (cena 28). Assim, Sansão se configura, na interpretação tipológica, como mais uma forma de Anunciação do próprio Cristo Ressurreto.

A tipologia bíblica desenvolveu um processo de desconstrução e apagamento da religião judaica, ação que se relaciona com seu processo de afirmação desde a Antiguidade e prosseguindo no medievo:

Na perspectiva agostiniana, os judeus foram agraciados com a Revelação e com a encarnação do Filho em seu meio. Isso impede o hiponense de descartá-los de sua concepção de Redenção. A função judaica na história não se esgota mesmo com sua substituição pelo Verus Israel, ou verdadeiro Israel, que é a Igreja e o Cristianismo. (...) O período que vai de Agostinho até as cruzadas matiza o preconceito e atenua a condição segregada dos judeus, de uma forma que permite sua sobrevivência no ocidente medieval, cumprindo funções que adequam à teoria agostiniana com a inserção social e econômica dos judeus na sociedade medieval cristã. Desta maneira os judeus ficam parcialmente separados, mas interagem na sociedade cristã, mesmo sendo vistos com reticências pelo clero e tendo um conjunto de restrições legais, periodicamente atenuado ou exacerbado. (FELDMAN, 2016, p.73-74)



Todo o conjunto de representações iconográficas do vitral da *Paixão Tipológica* oferecem um extenso repertório de temas para reiterar a menor importância da religião judaica em relação à cristã e por sua vez, da construção social dos judeus como pessoas perigosas e indignas de confiança, o que promovia a atitude policialesca de exclusão e vigilância sobre os judeus.

Existem vários exemplos que nesse aspecto podem ser explorados com os estudantes como os vocábulos da Língua Portuguesa “judiar” e “judiação” sempre associados a atitudes e contextos de sofrimento ou ainda, a aceção de “desonesto” para a palavra ladino, a qual define uma das vertentes culturais dos judeus sefarditas na Península Ibérica.

Em paralelo à iconografia dos vitrais é possível estabelecer um paralelo com outras fontes, por exemplo, o livro pontifical Ms. 342, *Pontificale ad usum Beatæ Mariæ Remensis*, que pertencera ao Capítulo da catedral de Notre-Dame de Reims, o qual traz textos relacionados ao culto mariano em Reims, mas também apresenta uma litania que cita vários santos chartrenses e outros santos e santas, todos representados nos vitrais da catedral, portanto, um registro muito preciso por parte da ortodoxia quanto à devoção aos santos e um possível referencial para a escolha dos vitrais presentes nas janelas identificadas como “baías narrativas” na catedral de Chartres<sup>4</sup>.

A natureza do *Pontificale* está no uso cotidiano pelo bispo para a realização de diversas cerimônias (bênção das velas, dos óleos para crisma), além de ser uma referência para o sacramento da ordem para a sagração dos padres da diocese. As origens do uso dos Livros Pontificais remontavam ao período carolíngio, porque buscava-se a manutenção de uma uniformidade na prática dos ritos sagrados e podia conter não só a ordenação episcopal do titular da diocese, mas também a consagração de abades e abadessas, o ritual de sagração de reis e rainhas, a dedicação das igrejas e as penitências e perdões a serem aplicados.

O texto do *Pontificale* está escrito em latim eclesiástico, datado entre o final do século XII e início do XIII, encontra-se hoje coberto por uma capa de madeira de carvalho,

---

<sup>4</sup> As relações de parentesco entre os condes de Blois e Champagne não só estavam no âmbito da dinâmica senhorial, mas também nas relações eclesiásticas, pois membros destas famílias exerceram a função de bispo, num e noutro condado ou mesmo simultaneamente como fora o caso de Guillaume de Blanchettes Mains, bispo de Reims e Chartres entre 1176 e 1204.

fruto de uma restauração do século XVIII. O suporte é de pergaminho, composto por 104 fólhos (termina na 104 v e o fólho seguinte está vazio e faltam os fólhos 1-2 e 40- 41); suas dimensões são 31,5 X 23cm e no interior dos fólhos, a mancha de texto ocupa 22 X 14,5 cm.

No fólho 10 v encontra-se a inicial “T”:



**Imagem 8:** *Pontificale* – Ms. 342 – séc. XII-XIII (Crédito: Elias Feitosa)

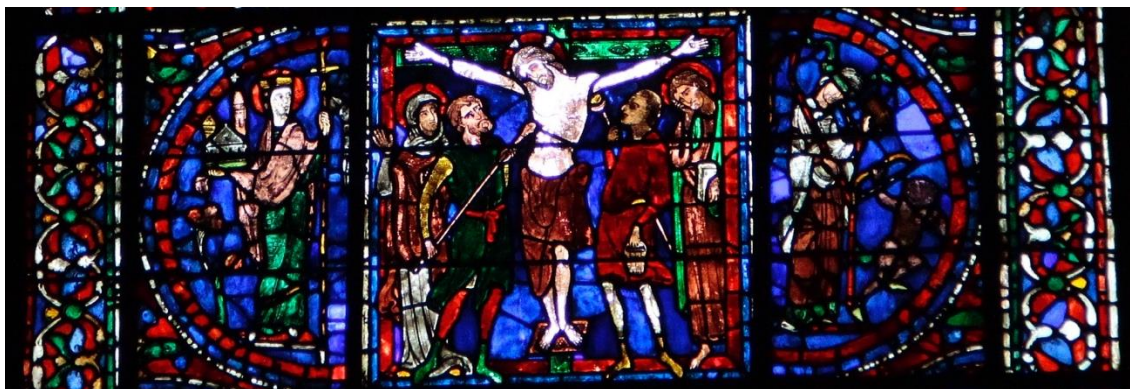
A letra inicia o texto “*Te igitur, clementissime Pater, per Jesum Christum Filium tuum, Dominum nostrum, supplices rogamus ac petimus, uti accepta habeas, et benedicas, hæc dona, hæc munera, hæc sancta sacrificia [illibata].*”<sup>5</sup> e traz consigo o tema tradicional da oposição entre a Lei Mosaica e a Boa Nova: a Sinagoga está vendada e é descoroada pela Igreja; esta última porta o livro (Palavra da Salvação) e reitera sua posição de Fé verdadeira. (AMORIM JUNIOR, p. 137).

O padrão iconográfico presente no *Pontificale* dialoga com a representação da Paixão Tipológica porque preservam a mesma percepção no que tange a categoria da ordem, de sua relação com o texto à luz da tipologia bíblica, que não é meramente um detalhe secundário e, por sua vez, tratando-se da prática litúrgica, oferece a chance do acompanhamento do elemento sacramental e da hierarquia.

<sup>5</sup> Portanto nós, Pai clementíssimo, por Jesus Cristo vosso Filho e Senhor nosso, humildemente rogamus e pedimos, aceiteis e abençoeis estes dons, estas dádivas, estas santas oferendas [ilibadas]. Tradução nossa.



Trata-se do *liber episcopalis*, da representação do microcosmo (a diocese) dentro do macrocosmo (a Igreja) e do modo que o poder pontifício tem para se expandir pela Cristandade.



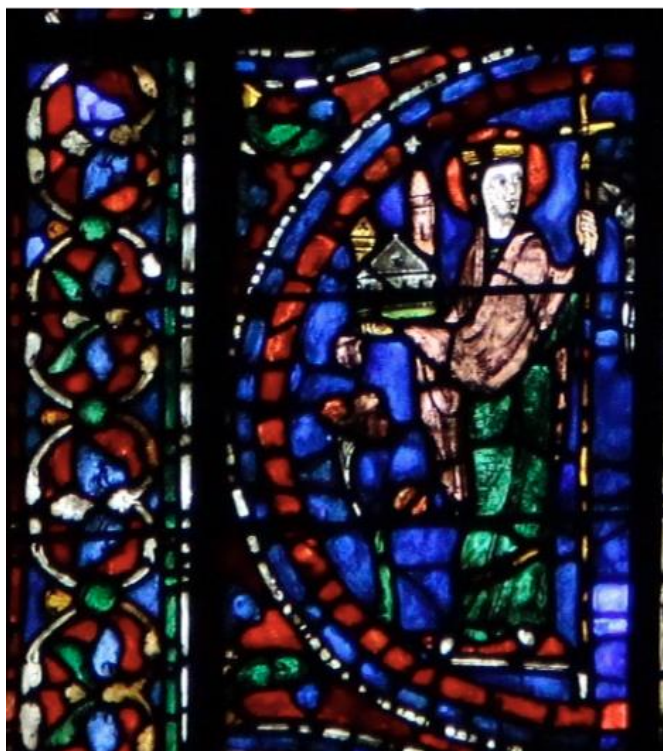
**Imagem 9:** Baia (37) *A Paixão Tipológica* – séc. XIII Cenas 12 a 14 - (Crédito: Elias Feitosa)

Na catedral de Chartres, a *Paixão Tipológica*, vista acima, carregada de referências simbólicas, expressa uma forma de pensar o mundo, impondo uma dimensão da prática religiosa em que só existem dois caminhos, salvação e danação; desse modo, o primeiro está na Igreja; e o segundo, fora desta. Esse dualismo era uma constante no pensamento medieval, tanto no que tange ao cotidiano laico quanto à vida espiritual.



**Imagem 10:** Baia (37) *A Paixão Tipológica* – séc. XIII Cena 14 - (Crédito: Elias Feitosa)

O tema da Crucificação (cena 13) separa a Sinagoga (à esquerda de Jesus) que aparece de costas para a cruz e vendada por uma serpente verde (alusão direta da relação com o pecado), tendo a mão direita retirando uma coroa de sua cabeça, a qual é atingida por uma flecha disparada por um demônio que a acompanha. Desse modo, nitidamente evidente o discurso de censura e maleficência ligado ao judaísmo: a esquerda do Cristo (lugar de condenação), estar de costas (negação de Jesus como Messias), a venda pela serpente (a cegueira para a “Fé Verdadeira” ou sua conexão direta com Satã) e a flecha (fraqueza perante os ataques do demônio).

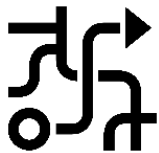


**Imagem 11:** Baia (37) A Paixão Tipológica – séc. XIII Cena 12 - (Crédito: Elias Feitosa)

No lado direito do Cristo, encontra-se a representação da Igreja, personificada como uma altiva mulher, coroada e iluminada pelo sagrado, tendo uma aura de mesma cor que a de Jesus. Na mão direita, suporta uma miniatura de uma igreja (parecida com a catedral de Chartres pelas torres de altura diferente), tendo um pouco abaixo, um ramo florido e na mão esquerda porta uma grande cruz, tendo seu olhar atento para a cena da Crucificação de Jesus. (AMORIM JUNIOR, p. 138-139).

A simbologia ali presente é intensamente positiva: a coroa (autoridade), a aura (iluminação divina), as flores (Fé fecunda e crescente), a miniatura do templo (a casa de





Deus) e a cruz (signo do sacrifício de Jesus e da Salvação), estando acima de tudo no lado direita de Jesus, o lugar de prestígio por excelência; desse modo, essa imagem reforça do pensamento que a salvação era apenas na fé cristã.

Um dado muito importante é que nas imagens dos vitrais, Maria triunfa sobre a Sinagoga, vence o Diabo, mas sempre com a palavra, com o ensinamento e a partir desta, a busca da graça divina. No plano terreno, entretanto, a força que se manifestou através das expedições militares de repressão tornam-se os mecanismos mais adequados para a manutenção da primazia clerical sobre todos os fiéis. A comunhão foi mantida pelo uso da espada.

Segundo Feldman:

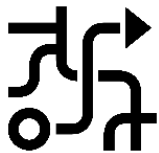
A Igreja segue legislando e tentando separar os dois grupos, mas na prática até os clérigos interagem com os judeus, nos mais diversos níveis. Isto não impede a propagação de percepções e valorizações negativas dos judeus pelos cristãos e vice-versa. O deicídio, a não-aceitação do caráter messiânico de Jesus, a cegueira judaica, a teimosia judaica, a ideia de que Deus punira os judeus por sua maldade com o exílio e com a sua situação de inferioridade. (FELDMAN, 2016, p.74).

Dessa forma, a perspectiva cristã que se apresentava ao mundo como única e verdadeira via salvífica fomentou em amplos segmentos, a identificação indissociável dos judeus a um “*ethos* maligno”. Este, de um modo geral, intensamente ligado à ganância, à exploração e toda sorte de atitudes que os afastariam daquilo que seria o modo de vida cristão.

Todo este temor infundado fez com que se desenvolvesse uma tolerância vigiada que ora foi maior e ora menor, implicando em restrições tributárias e profissionais, quando não, em expulsão e extermínio por “suspeita de algo maligno” ou por uma “tentativa de obter a misericórdia divina” para alguma calamidade que àquela altura não tinha uma explicação natural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso didático apresentado até aqui teve a perspectiva de oferecer um conjunto de referências para a aproximação entre o universo escolar da Educação Básica com as discussões relacionadas à investigação histórica desenvolvida da pesquisa



acadêmica para estabelecer uma ponte sólida entre os debates historiográficos mais recentes e o acesso destas informações aos docentes que atuam nas escolas.

O eixo de organização foi considerar a possibilidade da montagem de uma aula que tratasse do antissemitismo na Idade Média a partir de fontes históricas diversificadas, e com isso, fosse possível oferecer um leque de opções para instigar docentes e discentes na elaboração de hipóteses que apresentem uma visão muito mais detalhada da mentalidade cristã no medievo.

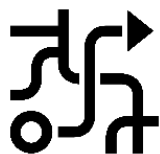
Portanto, envolve abordar a diversidade de matizes que compõem o teocentrismo e o passo adiante no contexto educacional, orientar a reflexão a partir da investigação, a qual possibilita deixar de lado as generalizações e clichês sobre o medievo, seja como a “Idade das Trevas” ligado ao atraso e ausência de cultura, seja pela limitação do recorte economicista que destaca apenas a dinâmica do feudalismo.

O teocentrismo medieval e sua conexão direta com o antissemitismo foi um fenômeno complexo e diverso, dotado de diferentes nuances, os quais podem ser em grande parte conhecidos a partir da documentação remanescente. Assim, fica nítido como o componente da coerção social, através de um discurso uniformizante e de um modo geral, acompanhado de inúmeras formas de violência, foi importante para a consolidação do cristianismo, sendo muitas vezes, contraditório com as premissas de amor universal, porque deixa claro o quanto que se refletia como uma disputa cruel pelos corações e mentes de seus seguidores.

Não se trata de promover um processo proselitista do materialismo, entretanto, há uma grande necessidade de se apresentar aos discentes, dentro do sistema de ensino público e privado não-confessional, a importância da elaboração de explicações orientadas pela ciência sobre os processos históricos e seus agentes, distanciando-se assim, da repetição dos discursos conservadores que se encontram ávidos em combater o senso crítico e a consistente formação escolar que permita a emancipação intelectual para a compreensão do indivíduo na sua vida e no mundo.

## REFERÊNCIAS

AMORIM JUNIOR, Elias Feitosa de. *Luz, imagem e devoção mariana nos vitrais da catedral de Notre-Dame de Chartres (séc. XII-XIII)*. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019, 188p.



ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2013.

BASCHET, Jérôme. *L'iconographie médiévale*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CHEVITARESE, André L. "Evangelho de Judas: uma Luz no Fim de uma Antiga História Sombria?" in FUNARI, Pedro P.; SILVA, Glaydson J; MARTINS, Adilton L. (ORGs.). *História antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

DEREMBLE, Colette. *Les vitraux narratifs de la cathédrale de Chartres*. Paris: Le Léopard d'Or, 1993. Corpus Vitrearum France, vol. II.

DEREMBLE, Colette; DEREMBLE, Jean-Paul. *Vitraux de Chartres*. Paris: Éditions Zodiaque, 2003.

EHRMAN, Bart D. *Como Jesus se tornou Deus*. São Paulo: Leya, 2014.

FALBEL, Nachman. *Heresias medievais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999, p.45. Coleção Khronos, vol. 09.

FELDMAN, Sérgio A. *O conflito entre a Igreja e a Sinagoga no período tardo-antigo e medieval*. Vitória: UFES/Secretaria de Ensino à Distância, 2016.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

KURMANN-SCHWARZ, Brigitte; PASTAN, Elizabeth. *Investigations in Medieval Stained Glass: Materials, Methods, and Expressions*. Leiden/Boston: Brill, 2019. Reading Medieval Sources, Vol. III.

MARCZYK, Marta Bernadete Frolini de Aguiar. *A interpretação tipológica da Bíblia e seus reflexos na representação do povo judeu*. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras Orientais, Universidade de São Paulo São Paulo, 2010, 141p.

MANE, Perrine. *Dress in the Middle Ages*, Yale University Press, 1997.

Recebido em 15/03/2023

Aprovado em 06/0/2023